

O Venerável Mons. Stefano Ferrando

Monsenhor Stefano Ferrando foi um exemplo extraordinário de dedicação missionária e serviço episcopal, unindo o carisma salesiano a uma vocação profunda ao serviço dos mais pobres. Nascido em 1895 no Piemonte, entrou jovem na Congregação Salesiana e, após servir no exército durante a Primeira Guerra Mundial, o que lhe valeu a medalha de prata por valor, dedicou-se ao apostolado na Índia. Bispo de Krishnagar e depois de Shillong por mais de trinta anos, caminhou incansavelmente entre as populações, promovendo a evangelização com humildade e profundo amor pastoral. Fundou instituições, apoiou os catequistas leigos e encarnou em sua vida o lema "Apóstolo de Cristo". Sua vida foi um exemplo de fé, entrega a Deus e doação total, deixando um legado espiritual que continua a inspirar a missão salesiana no mundo.

O Venerável Bispo Dom Estêvão Ferrando soube conjugar a vocação salesiana com o carisma missionário e o ministério episcopal. Nascido em 28 de setembro de 1895, em Rossiglione (Gênova, diocese de Acqui), filho de Agostinho e Josefina Salvi, distinguiu-se por um ardente amor a Deus e uma terna devoção à Santíssima Virgem Maria. Em 1904, ingressou nas escolas salesianas, primeiramente em Fossano e depois em Turim-Valdocco, onde conheceu os sucessores de Dom Bosco e a primeira geração de salesianos, e iniciou seus estudos sacerdotais; nesse meio tempo, alimentou o desejo de partir como missionário. Em 13 de setembro de 1912, fez sua primeira profissão religiosa na Congregação Salesiana de Foglizzo. Convocado às armas em 1915, participou da Primeira Guerra Mundial. Por sua coragem, recebeu a medalha de prata por bravura. Voltou para casa em 1918; emitiu seus votos perpétuos em 26 de dezembro de 1920.

Foi ordenado sacerdote no Bairro São Martinho (Alessandria) em 18 de março de 1923. Em 2 de dezembro do mesmo ano, com nove companheiros, embarcou em Veneza como missionário para a Índia. Em 18 de dezembro, após 16 dias de viagem, o grupo chegou a Bombaim e, em 23 de dezembro, a Shillong, local de seu novo apostolado. Como mestre de noviços, ele educou os jovens salesianos no amor de Jesus e Maria e tinha um grande espírito de apostolado.

Em 9 de agosto de 1934, o Papa Pio XI o nomeou Bispo de Krishnagar. Seu lema era "Apóstolo de Cristo". Em 26 de novembro de 1935, foi transferido para Shillong, onde permaneceu como bispo por 34 anos. Enquanto trabalhava em uma situação difícil de impacto cultural, religioso e social, o Bispo Dom Ferrando trabalhou incansavelmente para estar perto das pessoas que lhe foram confiadas, trabalhando com zelo na vasta diocese que abrangia toda a região do nordeste da Índia. Ele preferia viajar a pé em vez do carro, que teria à sua disposição: isso lhe permitia conhecer as pessoas, parar e conversar com elas, envolver-se em suas vidas. Esse contato ao vivo com a vida das pessoas foi um dos principais motivos da fecundidade de sua proclamação evangélica: a humildade, a simplicidade e o amor pelos pobres levaram muitos a se converterem e a pedir o batismo. Ele fundou um seminário para a formação de jovens salesianos indianos, construiu um hospital, ergueu um santuário dedicado a Maria Auxiliadora e fundou a primeira congregação de irmãs autóctones, a Congregação das Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora (1942).

Homem de caráter forte, ele não desanimou diante das inúmeras dificuldades, que enfrentou com um sorriso e a mansidão. A perseverança diante dos obstáculos era uma de suas principais características. Ele procurou unir a mensagem do Evangelho à cultura local na qual ela deveria ser inserida. Era intrépido em suas visitas pastorais, que fazia aos lugares mais remotos da diocese, a fim de recuperar a última ovelha perdida. Mostrou sensibilidade e promoção especiais para com os

catequistas leigos, que considerava complementares à missão do bispo e dos quais dependia grande parte da fecundidade da proclamação do Evangelho e de sua penetração no território. Sua atenção ao trabalho de pastoral familiar também era imensa. Apesar de seus inúmeros compromissos, o Venerável era um homem com uma rica vida interior, alimentada pela oração e pelo recolhimento. Como pastor, era apreciado por suas irmãs, sacerdotes, irmãos salesianos e no episcopado, bem como pelo povo, que o sentia profundamente próximo a eles. Ele se doou de forma criativa ao seu rebanho, cuidando dos pobres, defendendo os intocáveis, cuidando dos doentes de cólera.

As pedras angulares de sua espiritualidade eram o vínculo filial com a Virgem Maria, o zelo missionário, a referência contínua a Dom Bosco, como se depreende de seus escritos e de toda a sua atividade missionária. O momento mais luminoso e heroico de sua vida virtuosa foi sua partida da diocese de Shillong. Dom Ferrando teve que apresentar sua renúncia ao Santo Padre quando ainda estava na plenitude de suas faculdades físicas e intelectuais, para permitir a nomeação de seu sucessor, que deveria ser escolhido, de acordo com as instruções superiores, entre os sacerdotes autóctones que ele havia formado. Foi um momento particularmente doloroso, vivido pelo grande bispo com humildade e obediência. Ele entendeu que era hora de se retirar em oração, de acordo com a vontade do Senhor.

Retornou a Gênova em 1969 e continuou sua atividade pastoral, presidindo as cerimônias de confirmação e dedicando-se ao sacramento da penitência.

Foi fiel à vida religiosa salesiana até o fim, decidindo viver em comunidade e renunciando aos privilégios que sua posição como bispo poderia ter-lhe reservado. Continuou a ser “um missionário” na Itália. Não “um missionário que se desloca, mas [...] um missionário que é. Sua vida nessa última temporada tornou-se uma vida “irradiante”. Ele se tornou um “missionário da oração” que dizia: “Estou feliz por ter vindo embora para que outros pudessem me substituir e fazer obras tão maravilhosas”.

De Gênova Quarto, ele continuou a animar a missão em Assam, aumentando a conscientização e enviando ajuda financeira. Viveu essa hora de purificação com espírito de fé, de abandono à vontade de Deus e de obediência, tocando com as próprias mãos o pleno significado da expressão evangélica “somos apenas servos inúteis”, e confirmando com sua vida o *caetera tolle*, o aspecto oblato-sacrificial da vocação salesiana. Morreu em 20 de junho de 1978 e foi sepultado em Rossiglione, sua terra natal. Em 1987, seus restos mortais foram levados de volta à Índia.

Na docilidade ao Espírito, desenvolveu uma fecunda ação pastoral, que se manifestou no grande amor aos pobres, na humildade de espírito e na caridade fraterna, na alegria e no otimismo do espírito salesiano.

Junto com muitos missionários que compartilharam com ele a aventura do Espírito na terra da Índia, entre os quais os Servos de Deus Francisco Convertini, Constantino Vendrame e Orestes Marengo, Dom Ferrando inaugurou um novo método missionário: ser missionário itinerante. Esse exemplo é um incentivo providencial, especialmente para as congregações religiosas tentadas por um processo de institucionalização e fechamento, para que não percam a paixão de ir ao encontro das pessoas e das situações de maior pobreza e miséria material e espiritual, indo aonde ninguém quer ir e confiando, como ele fez. “Olho para o futuro com confiança, confiando em Maria Auxiliadora... Vou me confiar a Maria Auxiliadora, que já me salvou de tantos perigos”.

0 cardeal Augusto Hlond

Era o segundo de 11 filhos; seu pai era um trabalhador ferroviário. Tendo recebido de seus pais uma fé simples, mas

forte, aos 12 anos, atraído pela fama de Dom Bosco, seguiu seu irmão Inácio para a Itália para se consagrar ao Senhor na Sociedade Salesiana; e logo atraiu outros dois irmãos para lá: Antônio, que se tornaria salesiano e um músico renomado, e Clemente, que se tornaria missionário. O colégio de Valsalice o acolheu para seus estudos ginasiais. Em seguida, foi admitido no noviciado e recebeu a batina do Beato Miguel Rua (1896). Depois de fazer sua profissão religiosa em 1897, seus superiores o enviaram a Roma, à Universidade Gregoriana, para o curso de filosofia, que ele coroou com um diploma. De Roma, retornou à Polônia para fazer seu tirocínio prático no colégio de Oświęcim. Sua fidelidade ao sistema de educação de Dom Bosco, seu compromisso com a assistência e com a escola, sua dedicação aos jovens e a amabilidade de seus modos lhe renderam grande ascendência. Ele também se tornou rapidamente conhecido por seu talento musical.

Concluídos os estudos de teologia, recebeu a ordenação sacerdotal em 23 de setembro de 1905; foi ordenado em Cracóvia pelo bispo Dom Nowak. De 1905 a 1909, frequentou a Faculdade de Artes das Universidades de Cracóvia e Leopólis. Em 1907, foi encarregado da nova casa em Przemyśl (1907-1909), de onde passou a dirigir a casa de Viena (1909-1919). Ali, sua coragem e habilidade pessoal tiveram um alcance ainda maior devido às dificuldades específicas que o instituto enfrentou na capital imperial. O P. Augusto Hlond, com sua virtude e tato, conseguiu, em pouco tempo, não apenas resolver a situação econômica, mas também fazer florescer um trabalho com jovens que atraiu a admiração de todas as classes de pessoas. O cuidado com os pobres, os trabalhadores e os filhos do povo lhe atraiu a afeição das classes mais humildes. Querido pelos bispos e núncios apostólicos, ele gozava da estima das autoridades e da própria família imperial. Em reconhecimento a esse trabalho social e educativo, por três vezes, recebeu algumas das mais prestigiosas honrarias.

Em 1919, o desenvolvimento da Inspetoria Austro-Húngara aconselhou uma divisão proporcional ao número de casas, e os superiores nomearam o P. Hlond como inspetor da Inspetoria

Germano-Húngara, com sede em Viena (1919-1922), confiando-lhe o cuidado dos coirmãos austríacos, alemães e húngaros. Em menos de três anos, o jovem inspetor abriu uma dúzia de novas presenças salesianas e as formou no mais genuíno espírito salesiano, suscitando numerosas vocações.

Estava em pleno fervor de sua atividade salesiana quando, em 1922, tendo a Santa Sé que providenciar a organização religiosa para a Silésia polonesa, ainda sangrando por conflitos políticos e nacionais, o Santo Padre Pio XI confiou-lhe a delicada missão, nomeando-o Administrador Apostólico. Sua mediação entre alemães e poloneses deu origem, em 1925, à diocese de Katowice, da qual se tornou bispo. Em 1926, ficou Arcebispo de Gniezno e Poznań e Primaz da Polônia. No ano seguinte, o Papa o criou cardeal. Em 1932, fundou a Sociedade de Cristo para os emigrantes poloneses, com o objetivo de ajudar os muitos compatriotas que haviam deixado o país.

Em março de 1939, participou do conclave que elegeu Pio XII. Em 1º de setembro do mesmo ano, os nazistas invadiram a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. O cardeal levantou sua voz contra as violações dos direitos humanos e da liberdade religiosa cometidas por Hitler. Forçado ao exílio, ele se refugiou na França, na Abadia de Hautecombe, denunciando a perseguição aos judeus na Polônia. A Gestapo entrou na abadia e o prendeu, deportando-o para Paris. O cardeal se recusa categoricamente a apoiar a formação de um governo polonês pró-nazista. Ele foi preso primeiro em Lorena e depois em Westfália. Libertado pelas tropas aliadas, ele retornou à sua terra natal em 1945.

Na nova Polônia libertada do nazismo, ele encontrou o comunismo. Ele defendeu corajosamente os poloneses contra a opressão marxista ateísta, escapando até mesmo de várias tentativas de assassinato. Morreu em 22 de outubro de 1948 de pneumonia, aos 67 anos de idade. Milhares de pessoas compareceram ao seu funeral.

O Cardeal Hlond era um homem virtuoso, um exemplo brilhante de religioso salesiano e um pastor generoso e austero, capaz de visões proféticas. Obediente à Igreja e firme no exercício da

autoridade, demonstrou humildade heroica e constância inequívoca nos momentos de maior provação. Cultivou a pobreza e praticou a justiça para com os pobres e necessitados. Os dois pilares de sua vida espiritual, na escola de São João Bosco, eram a Eucaristia e Maria Auxiliadora.

Na história da Igreja da Polônia, o Cardeal Augusto Hlond foi uma das figuras mais eminentes pelo testemunho religioso de sua vida, pela grandeza, variedade e originalidade de seu ministério pastoral, pelos sofrimentos que enfrentou com um intrépido espírito cristão pelo Reino de Deus. O ardor apostólico distinguiu o trabalho pastoral e a fisionomia espiritual do Venerável Augusto Hlond, que tomou como lema episcopal *Da mihi animas coetera tolle*, como verdadeiro filho de São João Bosco; confirmou-o com sua vida de consagrado e de bispo, dando testemunho de incansável caridade pastoral.

Devemos lembrar o seu grande amor a Nossa Senhora, aprendido em sua família e a grande devoção do povo polonês à Mãe de Deus, venerada no santuário de Czestochowa. Além disso, de Turim, onde iniciou sua jornada como salesiano, difundiu o culto a Maria Auxiliadora na Polônia e consagrou a Polônia ao Imaculado Coração de Maria. Sua entrega a Maria sempre o sustentou na adversidade e na hora de seu encontro final com o Senhor. Ele morreu com as contas do rosário nas mãos, dizendo aos presentes que a vitória, quando chegasse, seria a vitória de Maria Imaculada.

O Venerável Cardeal Augusto Hlond é uma testemunha singular de como devemos aceitar o caminho do Evangelho todos os dias, apesar do fato de que ele nos traz problemas, dificuldades e até mesmo perseguição: isso é santidade. «Jesus lembra as inúmeras pessoas que foram, e são, perseguidas simplesmente por ter lutado pela justiça, ter vivido os seus compromissos com Deus e com os outros. Se não queremos afundar numa obscura mediocridade, não pretendamos uma vida cômoda, porque, “quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la” (Mt 16,25). Não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós... A cruz, especialmente as fadigas e os

sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da justiça, é fonte de amadurecimento e santificação.» (Francisco, Gaudete et Exsultate, nn. 90-92).

Venerável Ottavio Ortiz Arrieta Coya, bispo

O Venerável Dom Otávio Ortiz Arrieta Coya passou a primeira parte de sua vida como oratoriano, estudante e depois se tornou salesiano, engajado nas obras dos Filhos de Dom Bosco no Peru. Ele foi o primeiro salesiano formado na primeira casa salesiana do Peru, fundada em Rimac, um bairro pobre, onde aprendeu a viver uma vida austera de sacrifício. Entre os primeiros salesianos que chegaram ao Peru em 1891, ele conheceu o espírito de Dom Bosco e o Sistema Preventivo. Como salesiano da primeira geração, aprendeu que o serviço e o dom de si seriam o horizonte de sua vida; por isso, como jovem salesiano, assumiu responsabilidades importantes, como abrir novas obras e dirigir outras, com simplicidade, sacrifício e dedicação total aos pobres.

Viveu a segunda parte de sua vida, a partir do início da década de 1920, como bispo de Chachapoyas, uma imensa diocese, vacante há anos, onde as condições proibitivas do território levavam a um certo fechamento, especialmente nas aldeias mais remotas. Aí, o campo e os desafios do apostolado eram imensos. Ortiz Arrieta era de temperamento vivo, acostumado à vida comunitária; além disso, era delicado de espírito, a ponto de ser chamado de “pecadito” em sua juventude, por sua exatidão em detectar falhas e ajudar a si mesmo e aos outros a se corrigirem. Ele também possuía um senso inato de rigor e dever moral. No entanto, as condições em que teve de exercer seu ministério episcopal eram

diametralmente opostas a ele: a solidão e a impossibilidade substancial de compartilhar uma vida salesiana e sacerdotal, apesar dos repetidos e quase suplicantes pedidos à sua própria Congregação; a necessidade de conciliar o próprio rigor moral com uma firmeza cada vez mais dócil e desarmada; uma delicada consciência moral, continuamente posta à prova pela aspereza das escolhas e pela tibieza no seguimento, por parte de alguns colaboradores menos heroicos do que ele, e de um povo de Deus que sabia opor-se ao bispo quando a sua palavra se tornava uma denúncia de injustiça e um diagnóstico dos males espirituais. O caminho do Venerável em direção à plenitude da santidade, no exercício das virtudes, foi, portanto, marcado por provações, dificuldades e pela contínua necessidade de converter o olhar e o coração, sob a ação do Espírito.

Embora certamente encontremos episódios em sua vida que podem ser definidos como heroicos no sentido estrito, devemos também, e talvez acima de tudo, destacar aqueles momentos em sua jornada virtuosa em que ele poderia ter agido de forma diferente, mas não o fez; ceder ao desespero humano, enquanto renovava a esperança; contentar-se com uma grande caridade, mas não totalmente disposto a exercer aquela caridade heroica que praticou com fidelidade exemplar por várias décadas. Quando, por duas vezes, lhe foi oferecida uma mudança de sede e, no segundo caso, a sede primacial de Lima, ele decidiu permanecer entre os seus pobres, aqueles que ninguém queria, verdadeiramente na periferia do mundo, permanecendo na diocese que sempre abraçou e amou como era, comprometendo-se de todo o coração a torná-la apenas um pouco melhor. Ele era um pastor “moderno” em seu estilo de presença e no uso de meios de ação, como o associacionismo e a imprensa. Homem de temperamento decidido e de firmes convicções de fé, o bispo Ortiz Arrieta certamente fez uso desse “don de gobierno” [dom de governo] em sua liderança, sempre combinado, porém, com respeito e caridade, expressos com extraordinária consistência.

Embora ele tenha vivido antes do Concílio Vaticano II, a maneira como planejou e executou as tarefas pastorais

que lhe foram confiadas ainda é relevante hoje: do cuidado pastoral das vocações ao apoio concreto de seus seminaristas e sacerdotes; da formação catequética e humana dos mais jovens ao cuidado pastoral das famílias, por meio do qual ele encontrou casais em crise ou casais que coabitavam relutantes em regularizar sua união. Dom Ortiz Arrieta, por outro lado, não educa apenas por sua ação pastoral concreta, mas por seu próprio comportamento: por sua capacidade de discernir por si mesmo, em primeiro lugar, o que significa e o que implica renovar a fidelidade ao caminho percorrido. Perseverou verdadeiramente na pobreza heroica, na fortaleza diante das muitas provações da vida e na fidelidade radical à diocese para a qual havia sido designado. Humilde, simples, sempre sereno; entre a seriedade e a delicadeza, a doçura do olhar deixava transparecer toda a tranquilidade do espírito: esse foi o caminho de santidade que ele percorreu.

As belas características que seus superiores salesianos encontraram nele antes de sua ordenação sacerdotal – quando o descreveram como uma “pérola salesiana” e elogiaram seu espírito de sacrifício – retornaram como uma constante ao longo de sua vida, também como bispo. De fato, pode-se dizer que Ortiz Arrieta “fez-se tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo” (1Cor 9,22): de alto prestígio com as autoridades, simples com as crianças, pobre entre os pobres; manso com aqueles que o insultavam ou tentavam deslegitimá-lo por ressentimento; sempre pronto a não retribuir o mal com o mal, mas a vencer o mal com o bem (cf. Rm 12,21). Toda a sua vida foi dominada pelo primado da salvação das almas: uma salvação à qual ele também queria que seus sacerdotes se dedicassem ativamente; buscava contrariar a tentação de se confinarem a uma segurança fácil ou de se entrincheirarem atrás de posições de maior prestígio, a fim de comprometê-los, em vez disso, com o serviço pastoral. Pode-se dizer que ele realmente se colocou nessa medida “elevada” da vida cristã, o que faz dele um pastor que encarnou a caridade pastoral de maneira original, buscando a comunhão entre o povo de Deus, indo ao encontro dos mais necessitados e testemunhando uma

vida evangélica pobre.

Comunicado do Reitor-Mor no final de seu mandato

Aos meus irmãos Salesianos SDB

Aos meus irmãos e irmãs da Família Salesiana

Meus queridos irmãos e irmãs, neste dia do nascimento do nosso Pai Dom Bosco, recebam as minhas saudações fraternas cheias de carinho e afeto. Envio-lhes estas palavras poucos minutos depois de ter celebrado solenemente a festa litúrgica do nascimento de Dom Bosco nos Becchi-Colle Don Bosco, onde veio à luz em 16 de agosto de 1815. Aquele menino seria um instrumento maravilhoso do Espírito de Deus para dar vida a este grande movimento que é a Família de Dom Bosco.

Esta manhã, na presença do Vigário do Reitor-Mor e de muitos irmãos Salesianos, da Família Salesiana, de leigos amigos de Dom Bosco, de autoridades civis e do serviço público e dos 375 jovens de todo o mundo que participaram do Sínodo dos Jovens, assinei a minha renúncia ao serviço de Reitor-Mor, como estabelecem as Constituições e Regulamentos dos Salesianos de Dom Bosco, ao ser chamado pelo Santo Padre, o Papa Francisco, para outro serviço.

Com estas palavras, desejo comunicar o acontecido ao mundo salesiano, desejo expressar meu olhar de fé e esperança no Senhor que nos guiou até aqui e desejo expressar a minha gratidão por tanto bem recebido nestes dez anos e meio como Reitor Mor da Congregação Salesiana e como Pai, em nome de Dom Bosco, de toda a Família Salesiana no mundo.

1. Antes de tudo, meus queridos irmãos e irmãs, expresso diante de todos a minha profunda gratidão a Deus por estes

anos em que abençoou a nossa Congregação e a Família Salesiana. Em dez anos vivem-se certamente momentos e realidades muito diferentes, sobretudo porque a Congregação está presente em 136 nações; creio poder dizer que enfrentamos tudo com um olhar de fé, com grande esperança e com determinação, sempre pelo bem da missão e na fidelidade ao carisma recebido.

2. Dou graças ao Senhor por Ele não me ter faltado nesses anos, corno também não me ter faltado a serenidade e a força que provem d'Ele. Realmente, quão verdadeiro é o que o Senhor Ressuscitado diz a São Paulo: "Basta-te a minha graça" (2Cor 12,9). Assim tenho vivido e assim temos vivido corno Conselho Geral o nosso serviço de animação e governo. De modo especial, quero agradecer aos dois Conselhos Gerais que me acompanharam durante esses dez anos e meio pela sua lealdade ao projeto comum, pela sua dedicação e pelo seu serviço.

3. Ao concluir o tempo à frente da Congregação Salesiana, quero expressar a minha particular gratidão ao Vigário do Reitor-Mor, P. Stefano Martoglio, que assume o seu serviço à frente da Congregação com total dedicação e generosidade. Durante os próximos meses, o trabalho e a responsabilidade serão grandes, mas a sua personalidade, fraternidade, capacidade e o seu otimismo, com a ajuda do Conselho Geral, guiados pelo Senhor, facilitarão o caminho que resta até o 29º Capítulo Geral.

4. Expresso a minha profunda gratidão a todos os meus irmãos Salesianos no mundo. Sempre me senti acolhido, querido e aceito com fraternidade, e encontrei colaboração e generosidade. A verdade é que os Salesianos de Dom Bosco amam e cuidam do Reitor-Mor corno o fariam com o próprio Dom Bosco, corno ele nos pediu em seu testamento espiritual. Obrigado por tanta generosidade.

5. Quero manifestar ainda a minha gratidão à Família Salesiana presente no mundo todo: às nossas irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, aos Salesianos Cooperadores, à Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) – fundados por Dom Bosco – até os 32 grupos que hoje compõem essa grande árvore carismática. Foram

anos de crescimento e bênção. Obrigado a todas as pessoas que, pela fé no Senhor, tornaram isso possível.

6. Nesses dez anos em que, no serviço de animação e governo, pude visitar 120 nações onde a Congregação e a Família Salesiana estão presentes, recebi a grande dádiva de encontrar-me com os jovens do mundo: jovens, adolescentes, meninos e meninas de cada nação. Pude “tocar com os olhos e o coração”, pessoalmente, como “os milagres educativos que curam e transformam vidas” continuam a acontecer todos os dias em tantas presenças salesianas e em nossa Família. E pude conhecer milhares e milhares de jovens, de todos os continentes e culturas. Eles têm sido uma das minhas mais profundas alegrias.

7. E tenho ainda um último agradecimento. Nesses anos, sempre me senti encorajado e apoiado, com amor incondicional, também pela minha família de sangue. Os meus pais, agora em Deus, acompanharam-me por nove anos com amor sereno e as suas orações dizendo-me sempre que não me preocupasse com eles. Eles e o restante da minha família sempre estiveram presentes, apoiando-me com a sua assistência e sendo um porto seguro para que nunca me esquecesse das minhas origens humildes.

8. Concluo referindo-me ao que disse no dia 25 de março de 2014, quando o Reitor-Mor P. Pascual Chavez me perguntou, em nome do 27º Capítulo Geral, que me elegeu em votação, se eu aceitava o serviço de Reitor-Mor.

Lembro-me de que, no meu pobre italiano do momento, disse, não sem profunda emoção, que “confiando na Graça do Senhor e na fé, com a certeza de que seria sempre apoiado pelos meus irmãos Salesianos, e porque amo verdadeiramente os jovens, que trago no meu coração salesiano, aceitei o que me era pedido”. Hoje, com essas palavras de agradecimento, posso dizer que tudo o que eu esperava, com a Graça de Deus, tornou-se realidade.

Minhas últimas palavras são dirigidas ao nosso pai Dom Bosco e à Auxiliadora. Não há dúvida de que Dom Bosco cuidou e sustentou a sua Congregação e a sua Família durante esses

anos. E não tenho dúvidas de que, durante todo esse tempo, o que ele mesmo nos garantiu foi se tornando realidade: “Foi Ela quem tudo fez”. Foi assim com Dom Bosco, foi assim nesses anos a que me refiro e, sem dúvida, continuará a ser assim. A Ela, Mae Auxiliadora, nós nos entregamos.

Obrigado do fundo do meu coração, e um até mais! deste seu irmão que é e sempre será um Salesiano de Dom Bosco. Com todo o meu afeto,

Ángel Fernández Card. Artime

Prot. 24/0427

Colle don Bosco, 16.08.2024

Acrescentemos também a lei de rescisão de contrato de trabalho.

Eu, abaixo assinado, Ángel Fernández Cardeal Artime, Reitor-Mor da Sociedade de São Francisco de Sales,

– dado que no Consistório de 30 de setembro de 2023 o Santo Padre Francisco me criou e publicou Cardeal da Diaconia de Santa Maria Auxiliadora em Via Tuscolana; que em 5 de março de 2024 me atribuiu a sede titular de Ursona, com dignidade arqui episcopal, e que em 20 de abril de 2024 recebi a Ordenação Episcopal na Basílica de Santa Maria Maggiore em Roma;

– considerado que o religioso elevado ao Episcopado está sujeito unicamente ao Romano Pontífice (can. 705);

– levando em conta que, de acordo com o can. 184 §1 CIC, “perde-se o ofício eclesiástico, transcorrido o tempo prefixado” e que, por decreto de 19 de abril de 2024, o Santo Padre dispôs “excepcionalmente e somente para este caso” a continuação do meu serviço como Reitor-Mor, após a ordenação episcopal, até 16 de agosto de 2024, com o presente ato

DECLARO

que, tendo decorrido o tempo estipulado no decreto acima mencionado, **a partir desta data renuncio ao ofício de Reitor-Mor da Sociedade de São Francisco de Sales.**

De acordo com o artigo 143 das Constituições, o Vigário, Padre Stefano Martoglio, assume contextualmente *ad interim*, o governo da Sociedade, até a eleição do Reitor-Mor, que ocorrera durante o 29º Capítulo Geral, convocado em Turim, de 16 de fevereiro a 12 de abril de 2025.

Ángel Fernández Card. Artime

Prot. 24/0406

Roma, 16.08.2024

Entre a admiração e a dor

Hoje eu saúdo a vocês pela última vez desta página do Boletim Salesiano. Em 16 de agosto, dia em que comemoramos o nascimento de Dom Bosco, termina meu serviço como Reitor-Mor dos Salesianos de Dom Bosco.

*É sempre um motivo para agradecer, sempre **Obrigado!** Antes de tudo a Deus, à Congregação e à Família Salesiana, a tantas pessoas queridas e amigas, a tantos amigos do carisma de Dom Bosco, aos muitos benfeitores.*

Também nesta ocasião, minha saudação transmite algo que experimentei recentemente. Daí o título desta saudação: **Entre a admiração e a dor.** Falo-lhes da alegria que encheu meu coração em Goma, na República Democrática do Congo, ferida por uma guerra interminável, e da alegria e do testemunho que recebi ontem.

Há três semanas, depois de ter visitado Uganda (no campo de refugiados de Palabek que, graças à ajuda e ao trabalho dos salesianos nos últimos anos, não é mais um campo

de refugiados sudaneses, mas um lugar onde dezenas de milhares de pessoas se estabeleceram e encontraram uma nova vida), atravessei Ruanda e cheguei à fronteira na região de Goma, uma terra maravilhosa, bela e rica de natureza (e justamente por isso tão desejada e desejável). Bem, por causa dos conflitos armados, há mais de um milhão de pessoas deslocadas naquela região, que tiveram de deixar suas casas e suas terras. Nós também tivemos que deixar a presença salesiana em Sha-Sha, que foi ocupada militarmente.

Esse milhão de pessoas deslocadas chegou à cidade de Goma. Em Gangi, um dos distritos, há a obra salesiana “Dom Bosco”. Fiquei imensamente feliz ao ver o bem que está sendo feito lá. Centenas de meninos e meninas têm um lar. Dezenas de adolescentes foram tirados das ruas e estão morando na casa de Dom Bosco. Foi lá, por causa da guerra, que 82 bebês recém-nascidos e meninos e meninas que perderam seus pais ou foram deixados para trás (“abandonados”) porque seus pais não podiam cuidar deles encontraram um lar.

E lá, naquela nova Valdocco, uma das muitas Valdoccas do mundo, uma comunidade de três Irmãs de São Salvador, juntamente com um grupo de senhoras, todas apoiadas pela casa salesiana com ajuda que chega graças à generosidade dos benfeitores e da Providência, cuidam desses meninos e meninas. Quando fui visitá-los, as irmãs haviam vestido todos, até mesmo as crianças que dormiam em seus berços. Como não sentir meu coração cheio de alegria com essa realidade de bondade, apesar da dor causada pelo abandono e pela guerra?

Mas meu coração foi tocado quando conheci várias centenas de pessoas que vieram me cumprimentar por ocasião de minha visita. Elas estão entre os 32.000 desabrigados que deixaram suas casas e suas terras por causa das bombas e vieram buscar refúgio. Eles o encontraram nos campos e nos terrenos da casa de Dom Bosco em Gangi. Eles não têm nada, vivem em barracos de poucos metros quadrados. Essa é a realidade deles. Juntos, buscamos todos os dias uma maneira de encontrar comida. Mas vocês sabem o que mais me impressionou? O que mais me impressionou foi que, quando eu estava com essas

centenas de pessoas, a maioria idosos e mães com filhos, elas não perderam a dignidade, a alegria ou o sorriso. Fiquei impressionado e meu coração se entristeceu com tanto sofrimento e pobreza, apesar de estarmos fazendo nossa parte em nome do Senhor.

Um concerto extraordinário

Senti outra grande alegria ao receber um testemunho de vida que me fez pensar nos adolescentes e jovens em nossas presenças, e nos muitos filhos de pais que talvez estejam me lendo e que sentem que seus filhos estão desmotivados, entediados com a vida ou não têm paixão por quase nada. Entre os convidados de nossa casa nesses dias estava uma pianista extraordinária que viajou pelo mundo dando concertos e fez parte de grandes orquestras filarmônicas. Ela é ex-aluna dos salesianos e teve um salesiano, já falecido, como grande referência e modelo. Ela quis nos oferecer este concerto no átrio do templo do Sagrado Coração como uma homenagem a Maria Auxiliadora, que ela tanto ama, e como um agradecimento por tudo o que sua vida tem sido até agora.

E digo isso porque nossa querida amiga nos presenteou com um concerto maravilhoso, de qualidade excepcional, aos 81 anos de idade. Ela era acompanhada por sua filha. E nessa idade, talvez quando alguns dos mais velhos da família já tenham dito há muito tempo que não querem mais fazer nada, ou fazer qualquer coisa que exija esforço, nossa querida amiga, que pratica piano todos os dias, movia as mãos com uma agilidade maravilhosa e estava imersa na beleza da música e de sua execução. Boa música, um sorriso generoso no final de sua apresentação e a entrega das orquídeas a Nossa Senhora Auxiliadora eram tudo o que precisávamos naquela manhã maravilhosa. E meu coração salesiano não pôde deixar de pensar naqueles meninos, meninas e jovens que talvez não tiveram ou não tenham mais nada que os motive em suas vidas. Ela, nossa amiga pianista, vive com grande serenidade aos 81 anos de idade e, como me disse, continua a oferecer o dom que Deus lhe deu e a cada dia encontra mais e mais motivos para fazê-lo.

Mais uma lição de vida e mais um testemunho que não deixa o coração indiferente.

Obrigado, meus amigos, obrigado do fundo do meu coração por todo o bem que estamos fazendo juntos. Por menor que seja, ele contribui para tornar nosso mundo um pouco mais humano e mais bonito. Que o bom Deus os abençoe.

Quando um educador toca o coração de seus filhos

A arte de ser como Dom Bosco: “Lembre-se de que a educação é uma coisa do coração e que somente Deus é o seu mestre, e não seremos capazes de ter sucesso em nada a menos que Deus nos ensine a arte dela e nos dê as chaves para ela”. (MB XVI, 447)

Caros amigos, leitores do Boletim Salesiano e amigos do carisma de Dom Bosco. Escrevo-lhes esta saudação, diria quase ao vivo, antes que este número vá para o prelo.

Digo isso porque a cena que vou lhes contar aconteceu há apenas quatro horas.

Cheguei recentemente a Lubumbashi. Nos últimos dez dias estive visitando presenças salesianas muito significativas, como os deslocados e refugiados em Palabek – hoje em condições muito mais humanas do que quando chegaram até nós, graças a Deus – e de Uganda passei para a República Democrática do Congo, para a região torturada e crucificada de Goma.

A presença salesiana ali é cheia de vida. Várias vezes eu disse que meu coração estava “tocado” (touché), ou seja, comovido ao ver o bem que está sendo feito, ao ver que há uma presença de Deus, mesmo na maior pobreza. Mas meu coração foi tocado pela dor e pela tristeza quando conheci algumas das

32.000 pessoas (a maioria idosos, mulheres e crianças) que estão abrigadas nos terrenos da presença salesiana de Dom Bosco-Gangi.

Mas falarei sobre isso na próxima vez, porque preciso deixar isso descansar em meu coração.

O “pai” dos meninos de rua de Goma

Agora, quero apenas mencionar uma bela cena que presenciei no voo que nos levou a Lubumbashi.

Era um voo extracomercial em um avião de tamanho médio. Mas o comandante era uma pessoa conhecida, não por mim, mas pelos salesianos locais. Quando cumprimentei o capitão no avião, ele me disse que havia estudado sua formação profissional em nossa escola aqui em Goma. Disse-me que foram anos que mudaram sua vida, mas acrescentou algo mais, dizendo-me e dizendo-nos: e aqui está aquele que tem sido um “pai” para nós.

Na cultura africana, quando se diz que alguém é pai, está se dizendo algo extremo. E, não raro, o pai não é a pessoa que gerou o filho ou a filha, mas a pessoa que de fato cuidou, apoiou e acompanhou o filho ou a filha.

A quem o comandante, um homem de cerca de 45 anos, com seu filho piloto, agora jovem, acompanhando-o no voo, estava se referindo? Ele estava se referindo ao nosso irmão salesiano coadjutor (ou seja, não sacerdote, mas leigo consagrado, uma obra-prima do carisma salesiano).

Esse salesiano, o irmão Honorato, um missionário espanhol, é missionário na região de Goma há mais de 40 anos. Ele fez de tudo para tornar possível essa escola profissionalizante e muitas outras coisas, certamente junto com outros salesianos. Ele conheceu o comandante e alguns de seus amigos quando eles eram apenas garotos perdidos na vizinhança (ou seja, entre centenas e centenas de garotos). De fato, o comandante me contou que quatro de seus companheiros, que estavam praticamente na rua naqueles anos, conseguiram estudar mecânica na casa de Dom Bosco e agora são engenheiros e cuidam da manutenção mecânica e técnica dos pequenos aviões de sua empresa.

O “sacramento” salesiano

Bem, quando ouvi o comandante, um ex-aluno salesiano, dizer que Honorato tinha sido seu pai, o pai de todos eles, fiquei profundamente emocionado e pensei imediatamente em Dom Bosco, a quem seus rapazes sentiam e consideravam como seu pai.

Nas cartas do P. Rua e de Dom Cagliero, Dom Bosco é sempre chamado de “papai”. Na noite de 7 de dezembro de 1887, quando a saúde de Dom Bosco se deteriorou, o Padre Rua simplesmente telegrafou a Dom Cagliero: “Papai está em um estado alarmante”. Uma velha canção dizia: “Viva Dom Bosco, nosso pai!”

E pensei em como é verdade que a educação é uma questão do coração. E confirmei entre minhas convicções que estar presente entre meninos, meninas e jovens é para nós quase um “sacramento” por meio do qual também nos aproximamos de Deus. Por isso, ao longo dos anos, falei com tanta paixão e convicção aos meus irmãos e irmãs salesianos e à família salesiana sobre o “sacramento” salesiano da presença.

E sei que no mundo salesiano, na nossa família em todo o mundo, entre os nossos irmãos e irmãs há tantos “pais” e tantas “mães” que, com a sua presença e o seu afeto, com o seu conhecimento da educação, chegam aos corações dos jovens, que hoje têm tanta necessidade, eu diria cada vez mais, dessas presenças que podem mudar uma vida para melhor.

Saudações da África e todas as bênçãos do Senhor para os amigos do carisma salesiano.

Deus abençoe a todos vocês.

Maria Auxiliadora, daqui para

o mundo

Amigos, leitores do Boletim Salesiano, recebam minha afetuosa e cordial saudação neste tempo pascal. Em um mundo conturbado, abalado por guerras e não pouca violência, continuamos a declarar, a proclamar e a anunciar que Jesus é o Senhor, ressuscitado pelo Pai e que VIVE. E precisamos muito de sua Presença em corações prontos a acolhê-lo.

Ao mesmo tempo, pude ver o conteúdo do Boletim deste mês, sempre rico e cheio de vida salesiana, pelo qual sou grato àqueles que o produzem. E enquanto lia as páginas, antes de escrever a minha saudação, deparei-me com a apresentação de tantos lugares salesianos ao redor do mundo aonde Maria Auxiliadora chegou.

Devo confessar que, quando me encontrei em Valdocco, dentro da magnífica Basílica de Maria Auxiliadora, nesse lugar santo onde tudo fala da presença de Deus, da proteção materna da Mãe e de Dom Bosco, não conseguia imaginar como se tivesse realizado o anúncio de Maria Auxiliadora a Dom Bosco, dizendo que daqui, deste templo mariano, a sua glória se espalharia pelo mundo. E assim aconteceu.

Nesses dez anos de serviço como Reitor-Mor, encontrei centenas de presenças salesianas no mundo onde a Mãe estava presente. E, mais uma vez, gostaria de contar a vocês a minha última experiência. Foi durante a minha última visita às presenças salesianas entre o povo Xavante que pude “tocar com as minhas mãos” a Providência de Deus e o bem que continua a ser feito e que continuamos a fazer entre todos nós.

Pude visitar várias aldeias e cidades no Estado do Mato Grosso. Estive em São Marcos, na aldeia de Fátima, em Sangradouro e, ao redor desses três grandes centros, visitamos outros, inclusive o local onde ocorreu o primeiro assentamento com o povo Xavante, um povo ferido por doenças e em perigo de extinção, e que, graças à ajuda daqueles missionários, aos seus remédios e a dezenas de anos de presença amorosa entre eles, foi possível chegar à realidade de hoje com mais de

23.000 membros do povo Xavante. Essa é a Providência, a proclamação do Evangelho e, ao mesmo tempo, uma jornada com um povo e sua cultura, preservados hoje como nunca antes.

Tive a oportunidade de falar com várias autoridades civis. Fiquei grato por tudo o que podemos fazer juntos para o bem deste povo e de outros. E, ao mesmo tempo, tomei a liberdade de lembrá-los, com simplicidade, mas com honestidade e orgulho legítimo, que aqueles que acompanham esse povo há 130 anos, como a Igreja fez nesse caso por meio dos filhos e filhas de Dom Bosco, são dignos de um olhar respeitoso e de ouvir sua palavra.

Fizemos tudo o que podíamos para nos unir às vozes que pediam terras para esses colonos. A defesa de suas terras e da fé vivida com esses povos (nesse caso com os Boi-Bororo) foi a causa do martírio do salesiano Rodolfo Lunkenbein e do índio Simão em Merúri.

Percorrendo centenas de quilômetros de estrada, fiquei feliz ao ver tantas placas anunciando: "Território de Reserva Indígena". E pensei que essa era a melhor garantia de paz e prosperidade para esse povo.

E o que o que estou descrevendo tem a ver com Maria Auxiliadora? Simplesmente tudo, porque é difícil imaginar um século de presença salesiana (sdb e fma) entre os indígenas Xavantes e não ter transmitido o amor pela mãe de nosso Senhor, e nossa mãe.

A Auxiliadora na selva

Em São Marcos, todos ou a maioria dos moradores, juntamente com nossos hóspedes, terminaram o dia de nossa chegada com uma procissão e a recitação do santo rosário. A imagem da Virgem foi iluminada no meio da noite, no meio da selva. Pessoas idosas, adultos, jovens e muitas mães carregando crianças adormecidas em uma cesta nos ombros estavam em peregrinação. Fizemos várias paradas em diferentes partes da aldeia. Sem dúvida, a Mãe naquele momento, e sem dúvida em muitos outros, estava passando pela aldeia de São Marcos e abençoando seus filhos e filhas indígenas.

Não posso saber se Dom Bosco sonhou com essa cena da Virgem no meio da aldeia de Xavante. Mas não há dúvida de que em seu coração havia esse desejo, com esse povo e com muitos outros, seja na Patagônia, seja na Amazônia, seja no rio Paraguai...

E esse desejo e esse sonho missionário têm sido realizados na Amazônia há 130 anos. Como escrevi no comentário à Estreia, a dimensão feminina-materna-mariana é talvez uma das dimensões mais desafiadoras do sonho de Dom Bosco. É o próprio Jesus que lhe dá uma mestra, que é a sua Mãe, e que “se deve perguntar a Ela o nome dele”; Joãozinho deve trabalhar “com os filhos dela”, e será “Ela” que cuidará da continuidade do sonho na vida, que o levará pela mão até o fim de seus dias, até o momento em que ele realmente compreenderá tudo.

Há uma enorme intencionalidade em querer dizer que, no carisma salesiano em favor das crianças mais pobres, mais carentes e necessitadas, a dimensão de lidar com “doçura”, com mansidão e caridade, assim como a dimensão “mariana”, são elementos indispensáveis para quem quer viver esse carisma. Sem Maria de Nazaré, estaríamos falando de outro carisma, não do carisma salesiano, nem dos filhos e filhas de Dom Bosco.

Nesta festa de Maria Auxiliadora, no dia 24 de maio, em diversos momentos, Maria Auxiliadora estará presente no coração dos seus filhos e filhas em todo o mundo, seja em Taiwan e no Timor Leste, seja na Índia, seja em Nairóbi (Quênia), seja em Valdocco, seja na Amazônia e na pequena aldeia de São Marcos, que não é nada para o mundo, mas é um mundo inteiro para este povo que conheceu Maria Auxiliadora.

Feliz mês de Maria. Feliz festa de Maria Auxiliadora para todos, de Valdocco para o mundo inteiro.

Carta do Reitor-Mor Cardeal Ángel Fernández Artime

À atenção dos meus Irmãos Salesianos, À atenção da nossa querida Família Salesiana

Meus queridos irmãos salesianos, meus queridos irmãos e irmãs da Família Salesiana no mundo: recebi a minha saudação cheia de afeto e de proximidade, também nestes momentos.

O motivo pelo qual vos escrevo hoje, às vésperas da minha Ordenação Episcopal, tendo sido nomeado pelo Santo Padre Papa Francisco, é para transmitir oficial e definitivamente a minha situação pessoal em relação à nossa querida Congregação e à Família Salesiana.

Há algum tempo, o Papa Francisco expressou-me o desejo de que a minha ordenação episcopal ocorresse neste tempo pascal, juntamente com o nosso irmão salesiano Dom Giordano Piccinotti, e que eu pudesse continuar o meu serviço até uma data adequada. Pois bem, confiando sempre no Senhor, que é o único garantidor de nossas vidas, o que segue é definitivo:

1. O Santo Padre enviou-me um documento com a “derrogação” (expressão que significa “alteração do que está legislado”), em que me autoriza a continuar por mais um período como Reitor-Mor, já tendo recebido a consagração episcopal. Esse documento com a autorização do Santo Padre chegou até nós e está no arquivo da Congregação.

2. De acordo com o Papa Francisco, encerrarei o meu serviço como Reitor-Mor na noite de 16 de agosto do presente ano de 2024, após a celebração dos 209 anos de nascimento do nosso pai no Colle Don Bosco. No mesmo dia, celebraremos com os jovens o encerramento do “Sínodo dos Jovens”, do qual terão participado 370 jovens do mundo todo, por ocasião do bicentenário do sonho dos 9 anos, que em Dom Bosco foi um

sonho-visão e um programa de vida que chegou até nós.
Naquela tarde, em um ato simples, assinarei a minha carta de renúncia, de acordo com o artigo 128 das nossas Constituições, e entregarei esse documento ao Vigário do Reitor-Mor, P. Stefano Martoglio, que, de acordo com o artigo 143, assumirá 'ad interim' o governo da nossa Congregação até a eleição do Reitor-Mor no CG29, a realizar-se em Valdocco (Turim), a partir de 16 de fevereiro de 2025.

3. Certamente, desde agora, mas especialmente a partir daquela data, irei prestar o serviço que o Santo Padre me indicar. Desejo agradecer ao Senhor, juntamente com todos vós, meus queridos irmãos e irmãs, por termos sido abençoados nos últimos dez anos, tanto como Congregação Salesiana quanto como Família de Dom Bosco. O Senhor assistiu-nos com o seu Espírito e a nossa Mãe Auxiliadora que nunca largou a nossa mão. E estamos certos de que isso continuará a acontecer no futuro, porque "Ela fez tudo".

Minha última palavra neste momento é dirigida a Dom Bosco que, sem dúvida, continuará a cuidar da sua Congregação e da sua preciosa Família.

Com verdadeiro afeto e unidos no Senhor, saúda-vos,

Cardeal Ángel FERNÁNDEZ ARTIME, sdb

Reitor-Mor

Sociedade de São Francisco de Sales

Roma, 19 de abril de 2024

Prot. 24/0160

Sou salesiano e sou bororo

Diário de um dia missionário feliz e abençoado.

Caros amigos do Boletim Salesiano, escrevo a vocês de Merúri, no Mato Grosso do Sul. Escrevo esta saudação quase como se fosse uma crônica jornalística, pois já se passaram 24 horas desde que cheguei a esta cidade.

Mas meus irmãos salesianos chegaram há 122 anos e, desde então, sempre estivemos nessa missão em meio às florestas e aos campos, acompanhando a vida desse povo indígena.

Em 1976, um salesiano e um índio tiveram suas vidas roubadas com dois tiros de pistola (por “fazendeiros” ou grandes proprietários de terras), porque consideravam que os salesianos da missão eram um problema para que pudessem se apossar de outras propriedades nessas terras que pertencem ao povo Boi-Bororo. Eram o Servo de Deus Rodolfo Lunkenbein, um salesiano, e o índio Simão Bororo.

E aqui pudemos viver muitos momentos simples ontem: fomos recebidos pela comunidade indígena em nossa chegada, os cumprimentamos – sem pressa – porque aqui tudo é tranquilo. Celebramos a Eucaristia dominical, compartilhamos arroz e feijoada e tivemos uma conversa amável e calorosa.

À tarde, eu havia preparado uma reunião com os líderes das várias comunidades; algumas mulheres líderes estavam presentes (em várias aldeias, é a mulher que tem a autoridade máxima). Tivemos um diálogo sincero e profundo. Eles me deram suas opiniões e me apresentaram algumas de suas necessidades.

Em um desses momentos, um jovem salesiano Boi Bororo tomou a palavra. Ele é o primeiro Bororo a se tornar salesiano depois de 122 anos de presença salesiana. Isso nos convida a refletir sobre a necessidade de dar tempo a tudo; as coisas não são como pensamos e queremos que sejam no modo eficiente e impaciente de hoje.

E esse jovem salesiano falou assim diante do seu povo, da sua gente e dos seus líderes ou autoridades: “Sou salesiano, mas também sou Bororo; sou Bororo, mas também sou salesiano, e o mais importante para mim é que nasci neste mesmo lugar, que conheci os missionários, que ouvi falar dos dois mártires, P. Rodolfo e Simão, e vi a minha gente e o meu povo crescer, graças ao fato de que **o meu povo caminhou junto com a missão salesiana e a missão caminhou junto com o meu povo**. Isso ainda é a coisa mais importante para nós, caminhar juntos.”

Por um momento, pensei em como Dom Bosco teria ficado orgulhoso e feliz ao saber que um de seus filhos salesianos pertencia a esse povo (como outros salesianos que vêm do povo Xavante ou Yanomani).

Ao mesmo tempo, em meu discurso, assegurei-lhes que queremos continuar a caminhar ao lado deles, que queremos que eles façam todo o possível para continuar a cuidar e salvar sua cultura – e sua língua – com toda a nossa ajuda. Eu lhes disse que estou convencido de que nossa presença os ajudou, mas também estou convencido de como é bom estarmos com eles.

“Vá em frente!”, disse a Pastora

Pensei no último sonho missionário de Dom Bosco: e naquela Pastorinha, que parou ao lado de Dom Bosco e lhe disse: “Lembras-te do sonho que tiveste quando tinhas nove anos? Olha agora; o que vês?” “Vejo montanhas, depois mares, depois colinas, depois montanhas e mares de novo”.

“Ótimo”, disse a Pastora, “agora traça uma única linha de uma extremidade à outra, de Santiago a Pequim, faze um centro no meio da África, e terás uma ideia exata do que os salesianos têm de fazer”. Dom Bosco exclamou: “Mas como fazer tudo isso? As distâncias são imensas, os lugares difíceis e os salesianos são poucos. “Não te perturbes. Os teus filhos, os filhos dos teus filhos e os filhos deles farão isso”. Eles estão realizando isso.

Desde o início de nossa jornada como congregação,

guiado (e amorosamente “empurrado”) por Maria Auxiliadora, Dom Bosco enviou os primeiros missionários para a Argentina. Somos uma congregação reconhecida com o carisma da educação e da evangelização dos jovens, mas também somos uma congregação e uma família muito missionária. Desde o início até hoje, houve mais de onze mil missionários salesianos *sdb* e vários milhares de Filhas de Maria Auxiliadora. E hoje, nossa presença entre esse povo indígena, que tem 1940 membros e continua a crescer pouco a pouco, faz todo o sentido depois de 122 anos, porque eles estão na periferia do mundo, mas um mundo que às vezes não entende que deve respeitar o que eles são.

Também conversei com a matriarca, a mais velha de todas, que veio me cumprimentar e falar sobre seu povo. E depois de uma chuva torrencial, no local do martírio, com grande serenidade, sentamos e rezamos o terço em uma bela noite de domingo (já estava escuro). Éramos muitos, representando a realidade dessa missão: avós, avôs, adultos, jovens mães, bebês, crianças pequenas, religiosos consagrados, leigos... Uma riqueza na simplicidade dessa pequena parte do mundo que não tem poder, mas que também é escolhida e favorecida pelo Senhor, como Ele nos diz no Evangelho.

E sei que continuaremos assim, se Deus quiser, por muitos anos, porque se pode ser um Bororo e um filho de Dom Bosco, e ser um filho de Dom Bosco e um Bororo que ama e cuida de seu povo e de sua gente.

Na simplicidade deste encontro, hoje foi um grande dia de vida compartilhada com os povos indígenas. Um grande dia missionário.

0 sonho de Dom Bosco está

mais vivo do que nunca

Diante de tudo o que estou vendo no mundo salesiano, sinto que posso dizer com alguma autoridade: Amado Dom Bosco, o teu sonho continua a se realizar.

Queridos amigos, leitores do Boletim Salesiano, como todos os meses, envio-lhes a minha saudação pessoal de coração e as minhas reflexões, motivadas pelo que estou vivendo, porque acredito que a vida chega a todos nós e que aquilo que compartilhamos, se é bom, nos faz bem e nos dá novo entusiasmo.

A Quaresma e a Páscoa nos convidam a nascer de novo. Todos os dias. Renascer para a confiança, para a esperança, para a paz serena, para o desejo de amar, de trabalhar e criar, de valorizar e cultivar as pessoas, os talentos e as criaturas, todo o pequeno ou grande jardim que Deus nos confiou.

Para nós, salesianos, a Páscoa sempre nos lembra a festa de 1846 em Valdocco, quando Dom Bosco passou das lágrimas do prado Filippi para o pobre galpão Pinardi e a faixa de terra ao redor dele, onde o sonho começou a se tornar realidade.

Eu vi o sonho continuar a se tornar realidade.

Estou escrevendo para vocês agora de Santo Domingo, na República Dominicana. Anteriormente, fiz uma visita magnífica e muito significativa a Juazeiro do Norte (no nordeste brasileiro de Recife) e esses últimos dias têm sido dominicanos.

Em poucas horas continuarei no Vietnã e, em meio a essa “agitação”, que também pode ser vivida com muita tranquilidade, alimentei meu coração salesiano com belas experiências e certezas reconfortantes.

Vou contar a vocês, porque falam da missão salesiana, mas deixem-me começar com uma anedota que um salesiano me contou ontem, que me fez rir, me comoveu e me

falou de um “coração salesiano”.

Um pequeno atirador de pedras

Um irmão me contou que há alguns dias, quando viajava por uma das estradas do interior deste país, passou por um lugar onde algumas crianças tinham adquirido o hábito de atirar pedras nos carros para causar pequenos acidentes – como quebrar uma janela – e, na confusão, roubar algo do viajante.

Bem, foi assim que aconteceu com ele. Ele estava dirigindo pelo vilarejo e uma criança jogou uma pedra para quebrar a janela de seu carro e conseguiu. O salesiano desceu do carro, pegou a criança nos braços e a levou até seus pais. Só que naquela família não havia pai (ele os havia abandonado há muito tempo). Havia apenas uma mãe sofredora que ficou sozinha com essa criança e uma menina mais nova. Quando o salesiano disse à mãe que o filho dela havia quebrado o vidro do carro (que o menino reconheceu), que aquilo havia custado muito dinheiro e que ela teria de pagá-lo, a pobre mulher, em lágrimas, se desculpou, pedindo perdão, mas fazendo-o entender que não tinha como pagá-lo, porque era pobre, mas que iria repreender o filho... Nesse momento, a menina, a irmãzinha do “pequeno Magone de Dom Bosco”, aproximou-se timidamente com o punho fechado, abriu-o e entregou ao salesiano a única moeda, quase sem valor, que possuía. Era todo o seu tesouro e lhe disse: “Aqui, senhor, para pagar o vidro”. Meu coirmão me disse que ficou tão comovido que não conseguia mais falar e acabou dando à mulher algum dinheiro para ajudar um pouco a família.

Eu não sabia como interpretar a história, mas era tão cheia de vida, dor, necessidade e humanidade que prometi compartilhá-la com vocês. E algumas horas depois, bem perto de onde eu estava hospedado na casa salesiana, me mostraram outra pequena casa salesiana onde acolhemos as crianças sem ninguém, que vivem nas ruas.

A maioria delas é haitiana. Conhecemos bem a tragédia que está ocorrendo no Haiti, onde não há ordem, nem

governo, nem lei... Somente as máfias dominam tudo. Pois bem, saber que essas crianças, menores que chegaram aqui não se sabe como, que não têm onde ficar, são acolhidas em nossa casa (20 no total, no momento), para depois irem para outras casas, uma vez estabilizadas, com outros objetivos educacionais (onde temos, entre várias casas e sempre com salesianos e educadores leigos, outros 90 menores), encheu-me o coração de alegria e me fez pensar que Valdocco em Turim, com Dom Bosco, nasceu assim, e foi assim que nós salesianos nascemos, e um pequeno grupo daqueles meninos de Valdocco, junto com Dom Bosco, deu vida “de fato” à congregação salesiana naquele dia 18 de dezembro de 1859.

Como é possível não ver “a mão de Deus em tudo isso”? Como não ver que todo esse trabalho é o resultado de muito mais do que uma estratégia humana? Como não ver que aqui e em milhares de outros lugares salesianos ao redor do mundo, o bem continua a ser feito, sempre com a ajuda de tantas pessoas generosas e de tantos outros que compartilham a paixão pela educação?

Este ano, em Madri, Espanha, e em outros lugares (inclusive na América), foi apresentado o magnífico curta-metragem “Canillitas”, que mostra a vida de muitos desses jovens. Fiquei feliz em tocar essa realidade com minhas mãos e meus olhos. E é realmente verdade, meus amigos, que o sonho de Dom Bosco ainda está se realizando hoje, 200 anos depois.

Ontem passei o dia inteiro com jovens do mundo salesiano que se dizem e se sentem líderes em toda a América Latina salesiana de um movimento que busca garantir que pelo menos o mundo educativo salesiano leve muito a sério o cuidado da criação e da ecologia com a sensibilidade do Papa Francisco expressa na «*Laudato Si'*». Jovens de 12 países latino-americanos estavam presentes (pessoalmente ou on-line) em seu movimento “América Latina Sustentável”. É lindo que os jovens sonhem e se envolvam em algo que é bom para eles, para o mundo e para todos nós. Para que o mundo seja salvo: salvar significa preservar, e nada será perdido, nem um suspiro, nem uma lágrima, nem uma folha de grama; nenhum esforço generoso,

nenhuma paciência dolorosa, nenhum gesto de cuidado, por menor e mais escondido que seja, será perdido: se pudermos evitar que um coração se parta, não teremos vivido em vão. Se pudermos aliviar a dor de uma vida, amenizar uma dor ou ajudar uma criança a crescer, não teremos vivido em vão.

Diante de tudo isso, sinto-me no direito de dizer com alguma autoridade: amado Dom Bosco, teu sonho ainda está MUITO VIVO.

Passem bem e sejam felizes.